

Febvre, Ranke e Varnhagen, três grandes historiadores

FRANCISCO IGLÉSIAS

FEBVRE: HISTÓRIA

Org. de Carlos Guilherme Motta
Coord. de Florestan Fernandes
Ática, 190 pp. 110,00

RANKE: HISTÓRIA

Org. de Sérgio Buarque de Holanda
Coord. de Florestan Fernandes
Ática, 216 pp. 110,00

VARNHAGEN: HISTÓRIA

Org. de Nilo Odália
Coord. de Florestan Fernandes
Ática, 176 pp. 110,00

O mercado editorial brasileiro está cada vez mais aberto às ciências sociais. Há grandes editoras consagradas unicamente a elas, como decorrência da renovação universitária. A reforma do ensino superior feita logo nos primeiros meses do Governo Provisório, em 1931, ensejou o surgimento de instituições como as Faculdades de Filosofia e de Ciências Econômicas, logo multiplicadas, talvez até além do razoável. O que se deseja destacar é a criação de um público novo, consumidor de livros de Economia, Sociologia, Política, História, Antropologia e outras ciências sociais. Editoras especializadas vão crescendo, notadamente na segunda metade do século XX. Nesse quadro de aumento de interesse pelas ciências sociais surgem coleções, como se poderia documentar com a citação de mais de uma dezena. É tão intenso o ritmo de crescimento que já se torna impossível a alguém acompanhar quanto se edita em ciência social ou mesmo em alguma delas. Seja a História, por exemplo, se a produção qualitativamente ainda deixa a desejar, quantitativamente é expressiva e leva a crer que o país já é um grande centro intelectual.

Nesse panorama renovador, assinalem-se algumas coleções especiais de editoras novas, enquanto continuam as iniciativas mais antigas. Uma delas é a coleção *Grandes Cientistas Sociais*, da Editora Ática, de São Paulo. Para garantir o padrão basta lembrar ser ela dirigida pelo sociólogo Florestan Fernandes. Iniciada no ano passado, já lançou nove títulos. Nota digna de realce, comprovadora do arejamento com que desenvolve o seu trabalho, está na inclusão da História, pois ainda há pouco havia preconceito contra a especialidade, vista como gênero secundário na literatura. Sinal positivo dos dias de hoje, quando se vê a abertura para a História de entidades como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência ou o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Na iniciativa da Editora Ática a História tem até relevo especial, pois de seus nove primeiros títulos três são de História, dois de Sociologia e os outros quatro são de Economia, Política, Antropologia, Psicologia. A coleção pretende apresentar não os grandes vultos dessas ciências no plano universal como no plano nacional.

O sentido de empreendimento do gênero é o de divulgação. Os diferentes volumes são dedicados a um autor: há a apresentação em que se traça o perfil do cientista escolhido, seguindo uma anto-

logia que permita, quanto possível, visão de seu significado e importância. Tem-se pois o trabalho do coordenador da coleção — Florestan Fernandes — e o do organizador, um especialista convocado para cada volume. A seleção de textos, como toda antologia, tem muito de pessoal e é um tanto ocioso discutir a matéria. A apresentação, em princípio, tem fim didático (como também a antologia); como toda obra do gênero, tem em vista sobretudo o estudante ou quem se inicia no assunto. As publicações assim não são para os doutos, é claro. Não há obrigatoria uniformidade nas apresentações, como se vê nos diferentes volumes. Em todos há ou devia haver uma biografia do cientista, referência ao meio em que desenvolveu o seu trabalho e o estado da ciência em que ele se especializa — o que encontra feito e qual será sua contribuição —, depois há a caracterização do seu produto, com o realce do mais original ou significativo. Entretanto, grande liberdade é concedida ao organizador. Não se prefixou nada, de modo que cada volume tem sua feição.

A coleção *Grandes Cientistas Sociais* é bem diversa, por exemplo, da coleção *Nossos clássicos*, da Livraria Agir, que trata da literatura de língua portuguesa. Esta é confessadamente didática e a introdução obedece a esquema rígido, com a apresentação contendo a situação histórica e o estudo crítico, antecedida por uma tábua cronológica dos dados biográficos, seguida pela Antologia, pela bibliografia do autor, sobre o autor, seleção de julgamentos críticos, concluída com um questionário, para orientação de professores e alunos. Como se vê, rígido modelo didático, seguido em todos os volumes, que já superam a casa de cem. Tem-se então amplo panorama da literatura brasileira e portuguesa. Na coleção da Ática o coordenador deu total liberdade aos organizadores. Problema de escolha de orientação. Se a liberdade do organizador lhe garante exprimir criatividade — o que é um bem —, um modelo a ser seguido garante o valor didático e informativo dos livros.

Fixemo-nos agora, com brevidade, nos três volumes dedicados à História pela Ática. O primeiro trata de autor moderno — Lucien Febvre — e é organizado por Carlos Guilherme Mota. A introdução é um ensaio sobre o historiador francês. Na verdade, o jovem professor paulista não teve grandes preocupações didáticas, pois não faz tábua cronológica nem dá bibliografia do autor ou sobre. Faz um ensaio, como em outros escritos seus, mas não informações suficientes a quem é estudante ou apenas se inicia. Ora, Febvre foi o fundador, com Marc Bloch, da escola dos *Annales*, em 1929, um dos momentos da historiografia contemporânea. O crítico não explica o que era novo na escola, continuadora e mais densa que a de *Síntese*, do começo do século e na qual Febvre e Bloch colaboraram com alguns dos títulos mais importantes.

Não se discute a antologia, assunto pessoal. Parece-nos estranho, no entanto, que o organizador só apresente passagens das obras sobre *Rabelais*, *Lutero* e *Combates*. Outra, de igual importância, não é considerada (apenas referida no arrolamento dos principais títulos da bibliografia do autor — p. 9/10). De

certo, pensamos em *La terre et l'évolution humaine*, publicada em 1922 na coleção *L'évolution de l'Humanité*, dirigida por Henri Berr. É um dos grandes títulos da série e tem papel notável na renovação da historiografia francesa (o subtítulo é *Introduction géographique à l'Histoire*). Tem-se aí o enfoque sobre o relacionamento da História e Geografia, assunto quase sempre mal posto antes e até hoje. A escola francesa é que melhor colocou o tema, aplicando-o com critério. É uma constante no seu trabalho, como se nota na obra de Fernand Braudel sobre o Mediterrâneo na época de Filipe II (1949): abre-se exatamente com uma longa seção (um quarto do volume) intitulada "A parte do meio", em busca de uma Geohistória. O assunto é importante para a metodologia para evitar as inúteis introduções geográficas em livros de História quando a Geografia não é vista dinamicamente, resultando em formulação inicial que nada tem a ver com o que vem depois. Braudel não chegaria ao rigor da colocação sem o livro de Febvre. Ele devia ser mais referido e até selecionado.

O importante é que o texto da Editora Ática fornece muito de Febvre, autor a ser seguido pela obra realizada e por suas concepções como historiador ou como homem. A parte gráfica do volume é boa e elegante — como toda a coleção, bem diagramada e impressa —, embora seja imperdoável que a tradução do texto sobre Lutero seja de tradução espanhola (p. 4 e 81), culpa que não cabe ao apresentador.

O número 8 é dedicado a Ranke. Organizou-o Sérgio Buarque de Holanda. O trabalho é difícil e só poderia ser feito pelo historiador paulista. Sabe-se muito ou pouco da vida e da obra de Ranke, mas pouco pela leitura deste volume. O autor escreveu ensaio extremamente brilhante sobre o historiador e sobre a historiografia alemã em geral. Falou sobre Ranke como se os leitores o conhecessem bem, o que por certo deve ser raro no público da coleção. Como obra didática, portanto, tem eficácia mínima. O organizador só diz quando Ranke nasceu e morreu, mas não diz qual a sua formação, o ambiente em que surgiu, o estado da historiografia quando ele começou. Ensaio erudito e culto, é reflexão superior sobre a História, momento alto e raro da crítica no Brasil, mas não atende às supostas finalidades da iniciativa. O organizador faz digressões sutis — a palavra "digressão" é usada por ele mesmo para caracterizar o trabalho (p. 53) —, mas poucos leitores podem acompanhá-lo. O próprio Sérgio Buarque de Holanda, falando da moderna historiografia alemã, diz que sente dificuldades para segui-la em alguns de seus desdobramentos: "foge à finalidade da Introdução, mas foge sobretudo à competência de quem a redige, uma resenha das tendências dessa historiografia" (p. 60). Modéstia do autor. É o nosso caso, porém: falar do texto crítico e da antologia está além do nosso nível, a resenha "foge à competência de quem a redige". A leitura de *Ranke*, porém, é um prazer intelectual e dá o exemplo de crítica realmente superior — coisa rara no Brasil.

O número 9 é dedicado a Varnhagen. É o primeiro brasileiro a aparecer entre os "grandes cientistas sociais". Parece-

Varnhagen

Organizador: Nilo Odália
Coordenador: Florestan Fernandes

HISTÓRIA



nos feliz a idéia de Florestan Fernandes de incluir no vasto panorama os autores patrícos. A escolha de Varnhagen é também feliz por ter sido ele o primeiro historiador considerável do país. Para organizar o volume foi escolhido Nilo Odália, que faz trabalho resumido, mas criterioso. Dos três volumes dedicados à História é o mais didático, pois contém o essencial da vida do autor e algo do essencial de sua obra. O ponto alto da Introdução é a pergunta: "o que significa ler, hoje, Varnhagen?" (p. 13). Boa proposição, satisfatoriamente respondida. Falta-lhe, no entanto, um pouco mais. O autor não destaca com força o fato de ter sido Varnhagen o criador de um modelo para a História do Brasil, e aí está o seu maior título. Ele criou uma verdadeira imagem do processo nacional, depois muito repetida. De fato, só em nossos dias o revisionismo vai apresentar outra História possível do país — mais rica e densa. O autor destaca e explica os preconceitos do historiador, que o levaram a esse modelo.

Está certo ao dizer que é uma visão eminentemente política a que examina, como não podia deixar de ser: o Brasil vivia seus primeiros passos como nação, o político se sobrepunha a tudo mais. A historiografia de sua época era também política: veja-se Ranke. O Estado era tudo, como está em Hegel, que terá inspirado a historiografia alemã, centrada no Estado. Varnhagen está próximo de Ranke, pela consideração do Estado e pelo culto da tradição. O levantamento factual que realizou, com base em documentos, é verdadeiramente notável, igualando-o aos grandes historiadores do tempo. O brasileiro aproxima-se deles pela temática e pelo método. O crítico é correto ao apontar no historiador seu estilo pesado e monótono, a falta de atração de sua obra, ainda hoje consultada, mas pela arquitetura e pelo aparato erudito. Faltou a Varnhagen um pouco de imaginação e sensibilidade. A escolha de textos é apreciável e bem fundamentada (p. 23-24) (lamentavelmente não dá a numeração das páginas do livro de quanto selecionou). Completa a obra a bibliografia do historiador e breve mas substancial bibliografia sobre ele. Nilo Odália desincumbiu-se bem da difícil tarefa — apresentar um historiador que é importante, tem garra de pesquisador e construtor de sistema, defendendo contudo um quadro já de todo superado e em estilo árido, sem qualquer atrativo.